

Pensando a linguagem e a noção pelo marcador '(re)carregar'

Thinking language and notion by the marker '(re)carregar'

Elza Moreira Alves¹

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

Marcos Luiz Cumpri²

Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** Este artigo propõe abordar os conceitos de atividade de linguagem e de noção na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas a partir da ilustração do comportamento semântico do marcador de operações '(re)carregar', no português brasileiro. Para tanto, além de esmiuçarmos teoricamente esses conceitos, trabalhamos com seis enunciados a fim de vermos na prática como as noções se organizam próximas ou distantes de um centro privilegiado. Toda a observação está contextualizada, sobretudo, com base nos trabalhos de Culioli (1999, 1999a, 1999b), Franckel (2006, 2011) e Lopes (2009).

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** (re)carregar; atividade de linguagem; noção; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

♦ **ABSTRACT:** This article proposes to approach the concepts of language activity and notion in the Theory of Predicative and Enunciative Operations from the illustration of the semantic behavior of the operations marker '(re)carregar', in Brazilian Portuguese. In order to do so, in addition to theoretically scrutinizing these concepts, we worked with six utterances to see in practice how notions are organized near or far from a privileged center. All the observation is mainly based on the works of Culioli (1999, 1999a, 1999b), Franckel (2006, 2011) and Lopes (2009).

♦ **KEYWORDS:** (re)carregar; Language Activity; Notion; Theory of Predicative and Enunciative Operations.

Introdução

Focamo-nos, neste artigo, em alguns pontos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). A partir dos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b), de Franckel (2006, 2011) e de Romero (2009) refletimos sobre o conceito de linguagem enquanto uma tripla atividade e o de noção enquanto propriedades físico-culturais que se organizam de um certo modo. No âmbito da exemplificação e das análises elegemos o marcador '(re)carregar'³ em português brasileiro.

O pressuposto é o de que o valor referencial de '(re)carregar' é dependente da relação das propriedades dos elementos de esquerda e de direita num enunciado. Nesse viés, a diversidade de suas ocorrências e a (im)possibilidade de alternância entre

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UNEMAT), *campus* Cáceres/MT. Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Vilhena/RO. elza.moreira@ifro.edu.br

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UNEMAT), *campus* Cáceres/MT. marcoscumpri@yahoo.com.br

³ Optamos, sem maiores implicações metodológicas, em isolar/destacar termos (unidades linguísticas) por aspas simples.

‘carregar’ e ‘recarregar’ não estariam exclusivamente atreladas ao marcador em si, mas a uma situação enunciativa que só a organização de propriedades em domínios de referências pode proporcionar.

Formalmente o texto está dividido em duas seções. A primeira trata dos aspectos teóricos e a segunda das análises.

A linguagem enquanto uma tripla atividade e a noção enquanto o conceito central em Culioli

A investigação da linguagem a partir da diversidade das línguas naturais se revela primordial para Culioli e isso fica evidente nos três primeiros tomos de “*Pour une linguistique de l’énonciation*” (1990, 1999a, 1999b), sobretudo porque sua problematização está em descobrir se estamos diante de um fenômeno cuja especificidade é redutível ou irredutível (CULIOLI, 1990, p. 14)

Não há trabalho versado em TOPE que negue que a linguagem funciona como uma tripla atividade que envolve um nível das representações, um da referenciação e outro da regulação materializada em forma de textos. Lima (2010) endossa essa premissa ao afirmar que a linguagem

é uma atividade de construção que se realiza através de operações que resultam na produção de enunciados cujos valores referenciais são construídos e não dados enquanto que língua é um sistema simbólico de representação de significados que se apresenta em forma de texto construído pelo sujeito. (LIMA, 2010, p. 232).

Ao considerarmos a língua como um sistema simbólico das representações de significados em forma de texto nos convencemos de que a atividade de representação é um complexo de vários níveis de operações com base em uma operação elementar primitiva denominada operação de localização.

Localiza-se no enunciado um termo x que vai a y em busca de sentido; “dizer que x está localizado em relação a y significa que x está situado com referência a y, ainda que o último, que é o localizador, esteja localizado por outra localização ou que esteja em uma origem” (CULIOLI, 1990, p. 180, tradução nossa)⁴. A ideia base é a de que um objeto somente adquire uma forma e um valor se contar com um dinâmico esquema de localização.

Para tornar mais claro o nosso raciocínio, tomemos a seguinte cena enunciativa: “Preciso carregar a bateria do celular”. O marcador carregar é o elemento x que existe em relação a um elemento y e este último traz consigo a noção de <ser carregável>. Aqui, o elemento x completa a ideia de que inserir carga na bateria é um processo necessário. O elemento y possui a propriedade <ser carregável>. As representações mentais são construídas sempre que se estabelecem as relações entre os objetos linguísticos e os objetos languageiros que são as formas abstratas que só conseguem atingir alguma existência significativa entre os sujeitos enunciativos se forem postas em relação.

A referenciação é um processo complexo por meio do qual o sujeito constrói e (re)constrói a significação linguística, na relação representação-referente. “O pré-requisito para a referenciação é a construção de um complexo sistema intersubjetivo coordenado, de um espaço referencial e de objetos linguísticos localizáveis” (CULIOLI,

⁴No original: To say that x is located relative to y means that x is situated with reference to y, whether the latter, which is thus a locator is itself located by another location or whether it itself in an origin.

1990, p. 180)⁵. Se dissermos “Eu carrego meu filho nos braços”, o marcador ‘carrego’ remete à ideia de transporte físico. Nesta cena enunciativa o sujeito enunciador assume que tem a posse do filho e a representação-referente do marcador se situa nesta ideia de guarda que o pai tem sobre o filho. Deve-se entender que a ligação entre os sujeitos enunciativos que permite a referência não é algo simples posto que não há garantias de que os ajustes realizados por esses sujeitos sejam configurações de representações rígidas das representações pré-segmentadas e estáveis.

No processo de regulação “a enunciação põe em jogo relações interenunciativas, ou mais precisamente, pontos de vista, que são posições enunciativas” (FRANCKEL, 2011, p. 11-12). A regulação ocorre quando: (i) o sujeito reflete (consciente e inconscientemente) sobre sua própria atividade de linguagem; (ii) os quadros de referências e de representações são ajustados e (iii) os processos internos de estabilização acontecem. (CULIOLI, 1990, p. 181).

Tomando como exemplo o enunciado “O pai carrega o filho até a faculdade” podemos dizer que no ajuste intersubjetivo das unidades linguística na busca da validação do que se quer significar não é possível dizer, conscientemente, que o marcador ‘carrega’ porta a significação de transporte físico, mas que tem sentido próximo ao de sustentar/manter financeiramente.

Essas primeiras observações conduzem o linguista a construir um sistema formal de representações metalinguísticas subsidiado por descrições teorizadas dos fenômenos linguísticos para procedimentos canônicos de abstração e de formalização. Afinal, é na atividade mental em busca de sentido que se vê a subjetividade, isso porque a TOPE integra à linguística, além da atividade de linguagem, o sujeito, o responsável por redimensionar de modo automático a relação entre a forma e sentido. Nesse processo, o sujeito tipifica as noções, nosso segundo ponto da abordagem teórica, que são as

representações inacessíveis enquanto tais, mas que nós apreendemos através dos traços materiais que são os textos. Trata-se também sobretudo de traços textuais, mas ter-se-á igualmente em conta os gestos, incluindo os gestos faciais que são mímicos e os gestos sonoros que são a prosódia ou a entonação (CULIOLI, p. 1999a, p.162, tradução nossa)⁶.

Ao lidar com essas representações o sujeito enunciador procura estabilizar uma noção, ainda que temporariamente. Ele não a finaliza pois a qualquer momento de sua trajetória poderá entrar em contato com ocorrências fenomenológicas que forneçam outras possibilidades para contextualização de uma noção; não se defende a estabilidade semântica de uma expressão linguística, mas

fala-se comumente, no entanto, em estabilização de sentido. A estabilização do sentido sustenta que a identidade semântica da unidade lexical deve ser buscada no próprio desenrolar do processo significativo, na interação verificada entre a unidade e seus(s) contextos (s) (ROMERO & TRAUZZOLA, 2014, p. 240)

A TOPE evidencia todo o processo de elaboração e construção de sentidos das unidades morfolexicais por meio dos enunciados enquanto estruturas observáveis.

⁵No original: the prerequisite for reference assignment is the construction of a complex intersubjective coordinate system, of a referential space, and of localizable linguistic objects.

⁶No original: notions sont des représentations inaccessible en tant que telles, mais que nous appréhendons à travers ces traces matérielles que sont les textes il’s agit em effect surtout de traces textuelles, mais on pendra aussi em comote les gestes,y compris les gestes faciaux que sont mimiques e les gestes phoniques que sont la prosodie ou l’intonation.

Nesse processo existe alguma estabilidade que se desestabiliza a cada construção de sentido, isso porque o sentido de uma determinada unidade linguística só se estabiliza momentaneamente até que surja outro contexto enunciativo. Ademais “as noções não podem ser vistas como etiquetas lexicais e não podem ser assimiladas a eventos localizados espaço-temporalmente” (CULIOLI, 1990, p. 181)⁷. Por exemplo, a noção <carregar>⁸ nem sempre recuperará as mesmas propriedades físico-culturais. Vejamos nos enunciados: “A nuvem está carregada”; “Eu carrego os traços do meu pai no meu rosto”; “A moça carregava a carteira no porta-luvas do carro”; “O policial carregou a arma”.

Uma vez que se compreende que as unidades linguísticas não refletem a exata realidade extralinguística, mas representam linguisticamente uma representação desta, construída pelo sujeito, não é possível conceber a unidade como detentora de um sentido. O sentido apenas se instaura em um processo de (re)construção do enunciado. Portanto, as unidades morfolexicais constituem-se marcadores de sucessivas operações das quais resultam na instanciação das noções em ocorrências linguísticas.

Segundo Romero (2009), é preciso esmiuçar os termos presentes no enunciado e buscar as delimitações que lhes dão origem. Cada sujeito enunciator trará suas subjetividades a respeito de uma unidade morfolexical para assim elucidar o sentido predicado da noção. Cada vez que se enunciar uma expressão linguística ter-se-á uma ocorrência individual, uma ocorrência não é igual à outra porque cada uma delas foi textualizada por um sujeito enunciator numa determinada porção de espaço e tempo diferente e em situação de enunciação diversa. Culioli (1985) defende que as ocorrências são individuais, por isso uma é diferente da outra. Elas são indiscerníveis, mas ainda assim não são iguais.

Para Rezende (2009) a noção é plástica, é um bloco semântico possuidor de propriedades, um todo não divisível, por isso ela precisa passar por uma operação de fragmentação, de individuação que a torna suscetível de ser apreendida, discernida, distinguida e situada. Ela implica relacionar uma ordem de existência que “não é materializável, nem exibível, nem dizível em si, com marcas dessa existência, e que jamais são senão as suas marcas” (FRANCKEL, 2006, p. 263), é uma propriedade situada em um nível de representação híbrida posto que é articulável nos âmbitos linguístico, metalinguístico e extralinguístico.

No trabalho de análise é preciso que se percorra o domínio nocional em busca da construção dos valores referenciais. A organização das noções emerge da necessidade que o humano tem de organizar suas representações mentais. Para isso ele institui um centro organizador e, a partir dele, norteia o processo de construção e reconhecimento de formas.

Segundo Vignaux (1995), a noção possui uma memória cognitiva subjacente no domínio nocional. É por isso que na classe de ocorrências abstratas de uma noção é natural que uma ocorrência dentre as demais adquira posição privilegiada denominada Predicado, representada por <P>: “uma ocorrência é um evento enunciativo que delimita uma porção de espaço/tempo especificada pela propriedade P” (CULIOLI, 1999b, p. 11, tradução nossa)⁹ é ela a responsável por organizar o domínio da noção.

Com o predicado P, enquanto o centro organizador de uma dada noção dentro do domínio nocional, tem-se tudo o que pode ser P e tudo o que não pode ser P (P’ no caso). Assim, tudo o quanto é P é inerente ao Interior do domínio e tudo o que não é P

⁷No original: should not be equated with lexical labels. Nor can it be assimilated to spatio-temporally located events.

⁸Neste artigo, optamos por isolar noções pelos símbolos < >.

⁹No original: une occurrence est un événement énonciatif qui délitte une portion d'espace/temps spécifiée par la propriété P.

está no Exterior desse domínio, mas entre essas duas zonas existem propriedades que permanecem em uma Fronteira que não separa Interior e Exterior subitamente e deixa a abertura para as possíveis ocorrências de outras representações.

O conceito de noção nos leva a entender, entre outras coisas, que o enunciado, que não é um ato de linguagem individual qualquer, constitui uma maneira parcial e fragmentada de exprimir um estado de coisas arranjadas de formas a partir das quais “os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, com um encadeamento de operações do qual é vestígio” (FRANCKEL, 2011, p. 44).

Se o enunciado é definido dessa maneira, pode-se entender que um objeto de análise na TOPE é um agenciamento de formas que são traços de operações. São fenômenos mentais que só se consegue acessar por meio das marcas ou rastros das atividades de linguagem. Se dissermos que “A nuvem está carregada” o material verbal que temos nesta enunciação porta traços que nos permitem relacionar as formas abstratas com as experiências empíricas para elaborarmos um sentido possível para chuva.

Dentre as várias questões importantes do programa de estudo culioliano, as análises dos marcadores assumem preponderância porque são resultados de operações de linguagem, das quais resultam as representações construídas pelo sujeito e organizadas em forma de enunciados.

Ao nos referirmos às operações, remetemo-nos, também, às operações de qualificação (Qlt) e de quantificação (Qnt). Culioli (1990) afirma que a operação de qualificação (Qlt) é inerente às operações de identificação ou diferenciação, as quais permitem dizer se as ocorrências são ou não da mesma propriedade. Já a operação de quantificação (Qnt), por sua vez, refere-se à operação pela qual se constrói a representação de algo que se pode distinguir e situar em um espaço de referência. É uma operação que busca “o problema da relação entre o genérico e a quantificação dada por uma operação de percurso” (CULIOLI, 1999a, p.151, tradução nossa)¹⁰.

Uma noção qualitativa pode ser geradora de uma noção quantitativa. É possível que uma noção passe de um qualitativo indivisível ao qualitativo fragmentado porque ao analisar a ocorrência de uma noção em um determinado cenário enunciativo o linguista consegue, por meio de uma operação abstrata de individuação, fragmentar a noção e construir as ocorrências dessa noção nos enunciados.

Empregando essas operações poderemos definir uma classe de ocorrências abstratas enumerando-as, tornando-as quantificáveis; e poderemos especificá-las tornando-as qualificáveis. A este processo de qualificação e quantificação de uma noção deu-se o nome de quantifiabilização que “é o meio de construir a extensão de uma noção” (CULIOLI, 1990, p. 181, tradução nossa)¹¹.

Então, a linguagem é uma atividade em que os sujeitos (re)constróem sentidos, por meio da (re)interpretação da realidade e por meio de operações resultantes da produção de enunciados, num dado espaço e num dado tempo. A seção seguinte intenta mostrar isso na prática de análise linguística.

¹⁰No original: le problème de la relation entre le générique et la quantification donnée par l'opération de parcours.

¹¹No original: Quantifiabilization is a means of constructing the extension of a notion.

A organização da noção em domínios: o caso do marcador ‘(re)carregar’

Trazemos nessa seção um simples exercício de análise com vistas a um levantamento de ocorrências que ora sustentam, ora travam a comutação entre ‘carregar’ e ‘recarregar’. Apesar parecer óbvio que a predicação “Carregar o cartucho de tinta” corresponda, sem grandes prejuízos de sentido, a “Recarregar o cartucho de tinta”, a alternância entre ‘carregar’ e ‘recarregar’ nem sempre é possível, conforme apontam algumas das glosas¹² dos enunciados demonstrados na exemplificação teórica:

1. “Preciso carregar a bateria do celular”
1a. “Preciso recarregar a bateria do celular”

2. O policial carregou a arma”
2a. “O policial recarregou a arma.”

3. “O pai carrega o filho nos braços”
3a. “O pai recarrega o filho nos braços”

- 4 “A nuvem está carregada”
4a. “A nuvem está recarregada”

5. “Eu carrego os traços do meu pai no meu rosto.”
5a. “Eu recarrego os traços do meu pai no meu rosto.”

6. “A moça carregava a carteira no porta-luvas do carro.”
6a. “A moça recarregava a carteira no porta-luvas do carro.”

As glosas (enunciados 1a, 2a, 3a, 4a, 5a e 6a) nos permitem, pela simples vivência da linguagem enquanto falantes nativos do português brasileiro, estranhar os enunciados 3a, 4a, 5a, 6a e 7a. Nesses casos a noção <ser carregável> não se organiza no mesmo domínio de <ser recarregável>.

A alternância possível, sem prejuízo de valor referencial aparente, entre 1 e 1a e entre 2 e 2a nos levam a notar que as noções P de ‘bateria’ e ‘arma’ se delimitam em termos de função porque cada uma delas aponta que estamos lidando com ocorrências quaisquer de ‘bateria’ e de ‘arma’. A priori, qualquer ‘bateria’ e qualquer ‘arma’ permitem ser carregáveis mais de uma vez, daí a propriedade <ser recarregável> se tornar qualificável para essas ocorrências.

Nesse ponto de vista 1a e 2a são enunciativamente pertinentes porque existe uma manifestação no espaço e no tempo que coloca em jogo uma encarnação da propriedade <ser carregável> no sentido de que <ser bateria> e <ser arma> possuem, em condições normais, estatuto de existência que está vinculado a essa propriedade. Dito de outro modo: são objetos somente enquanto objetos ‘bateria’ e ‘arma’ porque possuem as propriedades de <ser bateria> porque é recarregável de energia e <ser arma> porque é recarregável de munição.

Nestes casos, se temos <ser bateria> e <ser arma> enquanto <ser carregável>/ e <ser recarregável> ao mesmo tempo, é porque a organização dessas noções é sempre uma possibilidade, embora não a única, no Interior do domínio: <ser verdadeiramente carregável>/<ser verdadeiramente recarregável>.

¹² Na TOPE, uma glosa pode ser considerada um enunciado resultante de uma manipulação do linguista. O seu objetivo é sempre o de deflagrar um fenômeno/problema linguístico dentro de um campo metalinguístico controlável.

Já a alternância impossível entre os pares 3/3a, 4/4a, 5/5a e 6/6a, a menos que se permitam o prejuízo de valor referencial e a aceitação de enunciados aparentemente mal formulados, é notada porque ‘filho’, ‘nuvem’, ‘traços’ e ‘carteira’, enquanto termos linguísticos, são marcados por operações de determinação. Não é uma ocorrência de ‘filho’, de ‘nuvem’ de ‘traço’ e de ‘carteira’ qualquer que se está localizando.

Não é todo filho que é carregável pelo pai (mas o/um filho desse pai), não é toda nuvem que é carregável de chuva (mas a nuvem cujo desenvolvimento vertical for superior a 14 km¹³), não é todo traço que é carregável para o filho (mas o traço que é do pai desse filho) e não é toda carteira que é carregável no porta-luvas (mas sempre a carteira de alguém). Nesses casos as marcas de determinação que se articulam aos elementos de esquerda e de direita de ‘carregar’ ceifam a possibilidade de ocorrências quaisquer

Essas afirmações só são possíveis porque às noções <ser filho>, <ser nuvem>, <ser traço> e <ser carteira> só é permitida a atribuição da propriedade <ser carregável>, isso se estivermos num espaço topológico em que se tente, também, a atribuição da propriedade <ser recarregável> a essas noções. A negativa para <ser recarregável> endossa que as noções P de ‘filho’, ‘nuvem’, ‘traço’ e ‘carteira’ não são delimitadas em termos de função. O marcador ‘recarregar’ (flexionado de modos diferentes nos enunciados 3a, 4a, 5a e 6a) não relata transporte físico repetível (de filho no caso), não relata precipitação repetível de nuvem, não relata portabilidade repetível de feições e não relata armazenamento repetível de carteira em porta-luvas.

Por fim, as glosas 3a, 4a, 5a e 6a desencadeiam um contexto em que não há o estatuto de enunciado bem formulado, haja vista que ‘filho’, ‘nuvem’, ‘traço’ e ‘carteira’ não constituem predicções localizáveis num espaço de referência em que a propriedade <ser recarregável> contribua, de algum modo, para as localizar na enunciação e no universo fenomenológico. Nesses casos se temos <ser filho>, <ser nuvem>, <ser traço> e <ser carteira> enquanto <ser carregável> é porque a organização dessas noções só é possível no Exterior do domínio de <ser recarregável>, daí termos: <não ser verdadeiramente recarregável>.

Considerações finais

Vimos, na primeira parte desse artigo, que para Culioli (1990) a tríplice relação entre representação mental, processo de referenciação e regulação é um pré-requisito para qualquer atividade conceitual simbólica por sequência de texto e que ao se estudarem as unidades morfolexicais busca-se reconstruir valores referenciais, o valor construído e marcado por uma determinada unidade linguística no enunciado e sua participação na significação deste enunciado.

Na segunda parte buscou-se um exercício metalinguístico que demonstrasse que a alternância (aparentemente óbvia e garantida) entre ‘carregar’ e ‘recarregar’ não é sempre possível em português brasileiro sem prejuízo de valor referencial. Essa demonstração só se deu graças à exploração das propriedades que sustentam tanto as ocorrências de um marcador em diferentes enunciados (a articulação entre léxico e gramática no nível linguístico) quanto a ocorrência de uma noção P (apreendida como singular sem deixar de ser possibilidade de ocorrência qualquer de P (a organização da noções no nível linguístico).

¹³ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cumulonimbus>



REFERÊNCIAS

- CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A. - 1983-1984**. Paris- Poitiers, 1985.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations**. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalization et opérations de repérage**. Tome 2. Paris: Ophrys, 1999a.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations**. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999b.
- FRANCKEL, J.-J. **Situation, context et valeur référentielle**. In : Pratiques, Metz, n. 129-130, p.51-70, 2006.
- FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANCKEL, J.J. **Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação**. In: VOGUE, S. de; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, M. A. F. O ensino de gramática em uma perspectiva enunciativa. In: LIMA, M.A. F.; COSTA, C. de S.S.M. da; FILHO, F. A. **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 231-253.
- REZENDE, L. M. Articulação da linguagem com as línguas naturais: o conceito de noção. In: Blundi, Marília O.; Rezende, Leticia M. (Org.). **Linguagem e línguas naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação**. 1.ed. São Carlos: Pedro e João editores, 2009, v. 1, p. 13-42.
- ROMERO, M.C. A polissemia em debate: sentido frástico e sentido lexical. Estudo semântico do verbo *changer*. In: REZENDE, L.; DIAS-DA-SILVA, B. C.; BARBOSA, J. B. (Org.) **Léxico e Gramática: dos sentidos à construção da significação**. Cultura Acadêmica, 2009, p. 203-211.
- ROMERO, M., e TRAUZZOLA, V.S.L. **Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para o Teoria das Operações Enunciativas**. Calidoscópio, Vol. 12, n. 02, p.239-248, mai/ago 2014.
- VIGNAUX, G. **Entre linguistique et cognition: desproblématiques de l'énonciation à certains développement tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli**. BOUSCAREN, J., FRANCKEL, J.J., ROBERT, S. (orgs.). *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique, mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995, p. 565-581.

Recebido em maio de 2022.
Aprovado em julho de 2022.

Como citar este trabalho:

ALVES, E. M.; CUMPRI, M. L. Pensando a linguagem e a noção pelo marcador '(re)carregar'. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 81-88, 2021.
